

FORNACIARI, Christina Gontijo. Cidade em transe, corpo em trânsito. Salvador: UFBA; Doutoranda; Bolsista CNPq; Orientadora: Ivani Santana.

RESUMO

A presente comunicação pretende abordar a concepção e as ressonâncias conceituais do projeto “Performafunk”, contemplado com o Prêmio Funarte Artes Cênicas na Rua 2009. Ao instituir o *funk* carioca como ponto de partida para questões relevantes no universo contemporâneo da dança, do teatro e das epistemologias do corpo, o mencionado projeto abre questionamentos acerca das instâncias criadas pelos corpos que habitam essa manifestação cultural, sob o ponto de vista das teorias da comunicação, da antropologia, da dança e do teatro. A abordagem do trabalho passa pelo viés do “Corpo sem Órgãos”, conceito cunhado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari com base em escritos de Antonin Artaud, abrangendo também as noções de “Corpomídia”, sob o olhar de Helena Katz e Christine Greiner, e o entendimento pós-moderno de movimento, dança, teatro e cognição.

Palavras-chave: Corpo Sem Órgãos. Corpomídia. Artes Cênicas. Funk Carioca.

ABSTRACT

This paper aims to approach the conception and the theoretical echoes of the project “Performafunk”, which was awarded with the FUNARTE Prize for Urban Theatre in 2009. As it institutes the funk carioca as a departure point for relevant issues in today’s universe of dance, theatre and the epistemologies of the body, the mentioned project opens a discussion about the instance created by those bodies inhabiting such cultural manifestation (funk carioca), under the umbrella of communication, anthropology, dance and theatre theories. The approach is done via the concept of “Body without Organs”, coined by French philosophers Gilles Deleuze and Félix Guattari based on writings of Antonin Artaud, also taking in consideration the notion of “Corpomídia”, coined by Christine Greiner and Helena Katz, and the post-modern understanding of movement, dance, theatre and cognition.

Keywords: Body Without Organs. Corpomídia. Performing arts. Funk Carioca.

Cidade em transe, corpo em trânsito

Performafunk é um trabalho de classificação problemática, dado a permeabilidade e fluidez com que se faz transitar entre diversas linguagens artísticas, como as artes cênicas, a performance, a dança e a intervenção urbana. Em sua estruturação, ainda enquanto projeto, o trabalho desafia uma conceituação única e fechada. Muito embora tenha sido contemplado pelo Prêmio Funarte Artes Cênicas na Rua 2009, a fluidez de fronteiras, característica do trabalho, tem início na própria configuração do time de artistas envolvidos¹, oriundos de diversas linguagens artísticas como dança, teatro de

¹ Christina Fornaciari (concepção, performance) é doutoranda em Artes Cênicas pela UFBA, mestre em Performance pela Queen Mary University of London (Inglaterra, 2005) e em

rua, vídeo, fotografia música e artes visuais. A cidade descortina o diverso, mistura sem pedir licença... e Performafunk também. Misturando cultura popular e arte contemporânea, optamos por trabalhar com o *funk* carioca, que com sua falta explícita de comportamento, acaba por atingir um tema recorrente para diversos artistas: a desconstrução da ordem vigente, a implementação de políticas enviesadas, a dissolução — ou exposição — de agenciamentos que perpassam a cidade.

Esse movimento tão criticado pela classe média espelha valores já enraizados na cidade, como a objetificação sexual, a fricção de gêneros, a segregação urbana, a violência; os potencializa, os torna visíveis, destacados — talvez por isso o *funk* seja “duro de engolir”. Ademais, o *funk* tem a propriedade de se distanciar de alguns dos mecanismos de controle impostos pela classe dominante, já que cria formas não convencionais de consumo musical e cultural, bem como de sua distribuição, configurando uma economia própria, ressignificando vocábulos e apontando para uma nova política — do prazer e não da lei.

Uma leitura atenta dos atores do movimento (gênero, etnia e afiliação de classe) e do que enfatizam por meio do discurso, movimento e materialidade sonora, revela o seu potencial subversivo. Ao criar instâncias vistas pela classe dominante como vergonha pública, esses atores configuram identidades e se organizam de forma a gerar intimidação.

Mesmo sem se autoproclamarem revolucionários da moral e da ordem, os atos praticados em um baile *funk* podem configurar-se como atos de resistência, de afirmação de uma identidade urbana, de configuração de estratégias populares de sobrevivência cultural e econômica.

Por esses motivos, o conceito de Corpo sem Órgãos (CsO), criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari² com inspiração nos escritos de Antonin Artaud, parece se coadunar com o *funk*, no sentido de que esse último também constitui, à sua maneira, um desfazimento da ordem, um desmantelar de controles, um corpo sem órgãos.

Tanto CsO quanto o *funk* trazem em comum a assunção de um lugar de risco, onde limites e referências são descartados em prol da experimentação, rumo a uma zona onde o corporal supera o racional.

Teorias e Práticas Teatrais pela USP. Possui formação em Direito (BH, 2000) e pelo TU – Teatro Universitário da UFMG (BH, 1999) e lecionou Expressão Corporal e Performance no curso de Artes Cênicas da UFOP entre 2009 e 2011. Gustavo Arantes (vídeo) é pós-graduado em Cinema pela PUC e em Cinema Digital e Edição de Vídeo pela New York Film Academy (EUA). João Castilho (fotografia) é artista visual e Mestre em Artes Visuais pela UFMG. Marcelle Louzada (performance) é artista de dança, graduada em Psicologia. Eduardo Mendez (performance) vem de um *background* de arte urbana e desenvolve a linguagem da intervenção performática na rua. Paloma Parentoni (corpo sonoro) é pesquisadora de ritmos populares e DJ. Paula Nunes (performance) é formada pelo TU da UFMG (1999) e leciona teatro na Secretaria de Assistência Social de BH. Juliana Floriano, graduada em Belas Artes e pelo TU, ambos da UFMG, é cenógrafa e integrante do coletivo “Frito na Hora”. Mariana Rubino estudou no TU da UFMG, é socióloga formada pela mesma universidade e atua como figurinista e atriz em Belo Horizonte e São Paulo.

² DELEUZE, Gilles et al. Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia.

Consideremos os três grandes estratos relacionados a nós, quer dizer, aqueles que nos amarram mais diretamente: o organismo, a significância e a subjetivação. Ao conjunto de todos os estratos, o CsO opõe a desarticulação (ou as *n* articulações) como propriedade do plano de consistência, a experimentação como operação sobre este plano (nada de significativo, não interprete nunca!), o nomadismo como movimento (...) O que quer dizer desarticular, parar de ser um organismo? Desfazer um organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões³.

É pela ativação de mecanismos básicos de comunicação que em ambas as atividades se busca desmanchar estratificações organizadoras... Ou, nas palavras antropológicas, atingir “a explosão de uma libido encurralada pela moral cristã e pela ética esvaziada da família, uma entidade que mesmo fragmentada e fantasmagorizada, ainda faz frente ao nihilismo e suas irradiações”⁴. Para Hermano Vianna, o movimento funk carioca teria essa potência – a mesma a que Deleuze e Guattari se referem — de desfazer, ainda que temporariamente, estratos organizadores, sejam cristãos, morais ou econômicos.

Logo, a utilização do *funk* no projeto ocorre fundamentada nesses aspectos que manifestam sua qualidade de revelar, para então reconfigurar agenciamentos.

E a essa reconfiguração/revelação, nem o próprio *funk* escaparia dentro do projeto. Propositamente, estereótipos do movimento são dissolvidos em Performafunk. A escolha por trabalhar com um número pequeno de artistas, criando um evento discreto, contrasta com o caráter macro e de massa dos bailes. A partir dos estímulos derivados da iconografia pesquisada, a criação se dá de maneira livre, independente de um compromisso com ritmo, linguagem ou estética. A performance se desenvolve em uma dinâmica intensa, mesclando ao vivo os trabalhos gerados individualmente, sem ensaio prévio. Não há tempo para reflexão, mas criação após criação, continuidades e simultaneidades, inventadas no calor da cidade.

O contato prévio entre os artistas é mínimo, possibilitando um frescor da criação, também em relação ao trabalho de seus companheiros. A assimilação de trajetos por um e por outro ocorre no corpo, longe de pausas reflexivas, num processo cognitivo em ação corporal, desencadeado por ações corporais, e visando mais ações corporais.

Em quatro apresentações em Belo Horizonte, duas em Ouro Preto e Mariana, e novamente em BH, em 2011, no lançamento do *e-book* “Funk da Gema: de apropriação a invenção, por uma estética popular brasileira”⁵, mudanças em relação ao espaço — fechado, no caso da mais recente aparição no SESC Palladium em BH — têm consequências no trabalho. No entanto, é sempre buscando ampliar as possibilidades de improvisação, desorganização e

³ DELEUZE, Gilles et al. Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia.

⁴ VIANNA, Hermano. In: Revista RAIZ.

⁵ E-book disponível para *download* em www.funkdagema.blogspot.com, Bolsa FUNARTE de Produção Crítica em Culturas Populares e Tradicionais, autoria de Christina Fornaciari.

interação que a equipe se desestrutura a cada nova apresentação, no sentido de manter o formato inicial de liberdade e abertura.

Assim, percebe-se que conceito de CsO é essencial no contexto da criação conceitual do projeto, mas também ressoa em sua manutenção ao longo do tempo. Mas como entender esse conceito — cunhado dentro do universo filosófico — aplicado no âmbito na dança, das artes cênicas, da performance? E como conectar essa relação com o conceito de Corpomídia? E onde a cidade se encaixa nesse pensamento?

São perguntas que possibilitam diversas respostas, e iniciaremos tentando entender onde o CsO se encaixa nas artes do corpo, aqui tratadas. Deleuze e Guattari tratam o CsO como um plano de consistência, a partir do qual o organismo se desenvolve, por dobramentos e estratificações impostas pelos sistemas de controle. Para os autores, esse plano urge de recuperação, ou de ressurreição, o que poderia ser obtido apenas através de experiências práticas. Assim, identificam dispositivos, agenciamentos e configurações que se “maquinam” para moldar, dobrar e estratificar o corpo, relacionando a cada um deles uma reação (ou experiência) capaz de retornar ao CsO.

O CsO é criado a partir de um processo de despersonalização de seu criador... No projeto em tela, é por meio da própria criação que, ao criar, torna-se outro. Num processo obrigatoriamente necessário, já que o trabalho é composto no instante em que surge no mundo, trespassado de agenciamentos que a própria condição de ser feito na cidade, na rua, em lugar público provoca nos artistas.

Ainda segundo os autores, o percurso de criação do CsO se dá em duas fases distintas. É possível que os autores dividam a criação em uma primeira fase, de desconstrução dos estratos autoritários, o que leva ao surgimento de espaços dentro do corpo, a serem preenchidos na segunda fase. E preenchidos de intensidades. Assim, o CsO se manifestaria em constante movimento, circulação de intensidades que se consomem e se regeneram, criando ondas de abismo que racham e se recompõem. Cada fase se finaliza reiniciando a seguinte, mantendo a energia em livre circulação.

É evidente que, quando se performa, se dessubjetiva, como diria Foucault⁶; artistas que se dissolvem em suas criações, e se espelham nelas, até se reconhecem, mas como sinais — não há contaminação com a imagem do espelho. Ora, criar significa, nesse sentido, criar um CsO pleno de sentidos, de sentidos de um outro EU: um devir-outro.

Isso é bastante claro em todo o processo de criação de Performafunk: primeiro, o esvaziamento do conteúdo do movimento *funk* carioca, o desfazimento de seu estereótipo, criando uma ruptura. A seguir, fazer circular nesse universo as criações que nasceram desse mesmo universo, porém impregnadas de personalidades e subjetividades que o conectam com o interior de cada artista ali envolvido. Da mesma forma, os artistas são também esvaziados de seu EU, são dessubjetivados, à medida que suas criações são guiadas e mediadas

⁶ FOUCAULT, Michael. A hermenêutica do sujeito.

pelas criações dos outros, pelas intervenções de transeuntes, e pelo próprio universo do *funk*.

Nesse ponto, é pertinente explicitar a tese de Helena Katz acerca do Corpomídia, já que nesse ponto o trabalho ora retratado vai se relacionar — ou poderíamos dizer vai mesmo traduzir — o próprio conceito de Corpomídia. Em diversos artigos, Katz argumenta que o desejo de permanecer leva à necessidade de se prolongar através do outro, de fazer outros a partir de si mesmo.

Nessa estrutura, argumenta Katz, “com o passar do tempo as trocas permanentes tenderiam, quase como uma consequência natural, a borrar os limites de todos os participantes do fluxo, produzindo, então, uma plasticidade não congelada de suas fronteiras”⁷. Se as trocas não param, pois pertencem ao fluxo permanente, cada corpo está sempre sendo um corpo processual e em codependência com as trocas que realiza com os outros corpos e com o ambiente. Por isso, pode-se pensar o corpo como sendo sempre um resultado provisório de acordos contínuos entre os mecanismos que promovem as trocas de informação, incluindo aí a cidade também como um corpo. A compreensão da vida como produto e produtora de um mundo em rede dessa natureza marca uma diferença básica. E nela, a hipótese de que os corpos são sempre “corposmídia” de si mesmos ocupa uma posição central.

A proposta de que todo corpo é Corpomídia de si mesmo, isto é, um Corpomídia do estado momentâneo da coleção de informações que o constitui, mexe também com o entendimento habitual de mídia. Aqui, mídia não é tratada como sendo um meio de transmissão.

Na mídia que o Corpomídia emprega, a informação fica no corpo, se torna corpo. Não se trata da noção de corpo-máquina, onde adentra uma informação que estava fora (no ambiente), a máquina processa e, em seguida, a devolve ao ambiente, em uma sequência fora-dentro-fora. O que ocorre é um constante fluxo, em que fora e dentro não mais são perceptíveis, onde a ordem de entrada e saída não mais pode ser fixada. A mídia do Corpomídia, então, identifica um estado do corpo-ambiente, e vice-versa.

A experiência dos artistas e do público ali envolvidos é a materialização clara do conceito que Helena Katz nos traz, uma vez que o Corpomídia gerado em Performafunk identifica o efêmero dessas estruturas de troca que perfazem a comunicação no trabalho, gerando corposmídia. Isso é notável nas constantes trocas que ocorreram em Performafunk, que são na verdade essas aberturas de frestas comunicativas, sintaxes, que se abrem brevemente, para logo se transmutar novamente, num ciclo de troca que afeta tanto os corpos quanto o meio, de maneira igualmente potente.

No fragmento de entrevista, concedida à jornalista Mariana Lage, demonstro e detalho algumas das formas como essas trocas ocorriam:

⁷ KATZ, Helena. Todo Corpo é Corpo Mídia.

“O Eduardo, que retirou da cidade a matéria de suas instalações — câmeras de ar de pneus velhos — viu suas instalações totalmente apropriadas pelos moradores de rua. A Marcelle funcionava — e dependia — da performatividade do público, que a levava para passear em sua coleira. Paula estava no ponto de ônibus e o tempo todo interagindo, chegando ao ponto de entrar em um ônibus e algumas pessoas descerem com ela, saindo antes do lugar que deveriam descer. O Gustavo e o João, com suas câmeras, buscavam nos performers/público sua alimentação e essas imagens eram retroalimentadas e alimentavam a própria performance. As imagens ficaram sobrepostas ao caos que já existia ali, nesse sentido criando uma certa overdose imagética... Da mesma forma, a minha interação com os meninos de rua através do *spray*, criou relações que alteraram o espaço urbano — aquelas marcas estão lá nas paredes até hoje! — além de nos alterar enquanto corpos, sujeitos. Isso fica muito claro nos vídeos. Acho que isso é natural do trabalho de rua”⁸.

Como na cidade, no corpo também o fluxo constante de/entre pessoas, energias, velocidades, presenças e ausências, torna o Corpomídia intensidade pura, eternamente a circular. Sua instantaneidade perpetua a cidade enquanto instabilidade, ruptura com seus mapas, cartografias e organização. Nas palavras da pesquisadora Paola Berenstein,

A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade, o que passamos a chamar de corpografia urbana. A corpografia é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí corpografia), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente (o que pode ser determinante nas cartografias de coreografias ou carto-coreografias⁹).

Nesse ponto, finalmente, chegamos ao que pode ser entendido como uma conclusão: a cidade, assim como o Corpomídia e o CsO, não é passível de organização, de controle, de sistematização. Nunca está sujeita a uma só forma, uma só função, um só meio. Em Performafunk isso é evidente: nada é constante. Ou antes, em Performafunk, na cidade, no Corpomídia e no CsO, a única constância é sua permanente inconstância: entidades que se consomem e se regeneram, incessantemente. Entidades que se definem por meio de sua indefinição.

Assim, no fazer Performafunk, as práticas/processos de criação do CsO, Corpomídia e a cidade se manifestam. Cada corpo, cidade incluída, acumula diferentes experiências urbanas vividas, por cada um, e cada um de sua maneira, com sua temporalidade, sua materialidade, sua intensidade. Por constantemente estar a subverter o estabelecido sem gerar novos estabelecimentos — nada se estabelece, tudo é processado e em processo — Performafunk problematiza os corpos, os coloca em contínua crise. É na falta de solução que o evento se resolve — existência na experimentação, na não-interpretação, longe das conclusões...

⁸ Entrevista em www.chrispsiu.blogspot.com.

⁹ BERENSTEIN, Paola. Estética da Ginga.



Fotografia: João Castilho

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERENSTEIN, Paola. **Estética da Ginga**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia**. v.1 e 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

FERNANDES, Ana et al, In: **Territórios urbanos e políticas culturais**, Cadernos do PPGAU/FAUFBA, número especial, Salvador, 2004.

FOUCAULT, Michael. **A hermenêutica do sujeito** (Resumo dos cursos do Collège de France 1970-1982). Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FORNACIARI, Christina. <www.chrispsiu.blogspot.com>, em 03/04/2011.

GREINER, Christine. **O Corpo**. São Paulo: Annablume, 2004.

GUATTARI, Félix et al. **Micropolítica, cartografias do desejo**, Petrópolis: Vozes, 1986.

KATZ, Helena. **Um, dois, Três**. A Dança é o Pensamento do Corpo. Belo Horizonte: FID Editorial, 2005.

KATZ, Helena. In: **Todo Corpo é Corpo Mídia**. <<http://www.helenakatz.pro.br/>>, em 03/04/2011.

VIANNA, Hermano. In: **Revista RAIZ** número 01, de novembro de 2005.